Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 220
AVEIRO — Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

ELEIÇÃO MUNICIPAL

EM LISBOA

Vão ser eleitos, em poucos dias, os individuos que hão de constituir a vereação de Lisboa.

E', pois, opportuno recordar que foi o *Povo de Aveiro* o primeiro periodico do paiz que combaten, e trouxe a lume, os erros, os esbanjamentos, os crimes commettidos n'aquelle municipio.

Custou-nos isso muitos desgostos, muitos transtornos, muitos prejuizos. O dinheiro dos muni- cipes, que tinha servido para satisfazer amigos, para pagar favores politicos e favores particu- lares, para alimentar amantes, e os filhos, os primos, os favoritos, os compadres e as alcoviteiras das amantes, serviu tambem para abafar a voz de protesto, e grito de revolta que, contra tantas e tamanhas podridões, se erguia no paiz. O *Povo de Aveiro* foi processado, não a requerimen- to individual d'um ou outro ve- reador, ou de todos elles, mas a requerimento da camara municip- al. Não eram os vereadores que se sentiam aggravados, affronta- dos, offendidos. Eram os repre- sentantes do povo de Lisboa. Ag- gravados os vereadores, seriam elles que teriam de pagar as despe- zas dos processos. Aggravados os representantes do povo de Lis- boa, o desaggravo seria pago pe- lo povo de Lisboa.

E assim se viu o espectáculo edificante de serem perseguidos, em nome dos muni- cipes, aquelles cujo unico crime era defender a honra e os interesses dos muni- cipes!

O dinheiro correu a jorros Vieram a Aveiro advogados e so- licitadores da capital para fazer um simples requerimento! Não foi só para sustentar a accusação no dia da audiencia. Aqui vieram tambem para isso. Mas o mais es- candaloso, o mais curioso, o mais engraçado ao mesmo tempo, foi chegarem a vir aqui unicamente, simplesmente, e propositadamen- te, para fazerem um requeri- mento!

E' facil imaginar quanto isso costaria. Como a conta havia de ser larga! Para desaggravo do povo, e á custa do povo, foi, ne- cessariamente... d'arregalar o olho. Um Brazil. Um verdadeiro Brazil.

Escusado será dizer-lo: fomos condemnados. E fomos condem- nados a penas severissimas. Um ladrão, um assassino, é, por via de regra, absolvido. Principal- mente o ladrão, o falsificador, o prevariador, o concussionario. O ladrão, o falsario, não abala, não compromette o regimen. Pó- de até, em mutos casos, servi lo efficazmente. Por exemplo, a fal-

sificar cadernos eleitoraes, a rou- bar urnas, a roubar votos, a bur- lar eleitores, em Lisboa, no pro- ximo domingo. Ora se o ladrão, se o falsificador, se o proprio as- sassino não abala o regimen, e se em Portugal, como aqui escreve- mos n'um dos ultimos artigos edi- toriaes, tudo se subordina á de- feza do regimen, o ladrão póde ser absolvido, póde se-lo o assas- sino; não o póde ser nunca o jor- nalista, quando tenha a audacia de se revoltar em nome da mora- lidade ou da justiça.

Se o objectivo de toda a acti- vidade official n'este paiz é defen- der a monarchia, o magistrado, por via de regra, é um esbirro. Não tem que julgar. Tem que policiar. Não lhe compete admi- nistrar justiça. Compete-lhe dar para baixo em tudo aquillo que, proxima ou remota, directa ou indirectamente, por palavras ou por factos, represente uma ameaça á monarchia.

E nós, tendo atacado o *leal Senado* de Lisboa, onde figura- vam alguns dos mais qualificados serventurarios do throno, tendo, especialmente, atacado os proces- sos administrativos d'esse leal sa- nado, que era atacar a essencia do regimen, vimos o nosso editor condemnado, n'um primeiro jul- gamento, a tres mezes de multa a 1\$000 réis por dia, a tres mezes de cadeia, em seguida, vimos o *Povo de Aveiro* supprimido, e não sabemos aonde teria chega- do a sanha feroz dos magistra- dos convertidos em esbirros sem o desaparecimento d'aquelle se- manario que, n'esse instante, era o que elles queriam, afinal.

Nem sequer nos foi permitti- do responder por todos os pro- cessos n'um unico julgamento!

Contudo, não se tinham es- cripto aqui senão verdades. Era auctor dos artigos um proprio empregado do Largo do Pelouri- nho, cujo nome ficou e ficará igno- rado, apesar de todos os esforços feitos em contrario. Esse homem conhecia todos os segredos, todos os escaninhos da torpeza municip- al. E sentindo-se forte com a nossa lealdade não hesitou em re- velar infamias sem nome.

Tinhamos dicto a verdade, tinhamos praticado um dever ci- vico, como, mais tarde, o veio de- monstrar um vereador, Dias da Silva, se chamava elle, se não nos enganamos. Este homem não fez mais do que repetir parte das accusações feitas, anteriormente, no *Povo de Aveiro*.

A commissão municipal dei- xava de consignar nas actas res- pectivas despesas importantes, que ascendiam a dezenas de con- tos de réis annuaes.

Faziã-m-se adiantamentos a fornecedores, antes mesmo de se- rem requisitadas as suas merca- dorias e por importancias dez ve-

zes superiores nos seus depositos. A alguns fornecedores paga- va-se em dia, a outros com pe- nos atrasos e a outros, *que não se sabiam mexer*, com dois e tres annos de atrazo.

Nomeava-se para logaes mun- cipaes a parentella dos vere- adores, sem concurso, e sem cons- tar, sequer, das actas, a nomea- ção.

Pelo cofre da beneficencia eram alimentadas mulheres de má nota, filhas d'alcoviteiras, que figuravam como *estudantes pobres*, e outros *protegidos* de egual ca- tegoria.

Tudo isto, e muito mais, o *Povo de Aveiro* demonstrou, com referencias, com citações, com documentos, em artigos successi- vos. E parte d'isto affirmou, mais tarde, o vereador Dias da Silva.

Eram exactas, eram verda- deiras todas as affirmações do *Povo de Aveiro*, e justissimas, portanto, as suas accusações. To- davia, n'um paiz onde os maiores ladrões e os mais infames patifes são absolvidos a cada instante, o *Povo de Aveiro* foi condemnado, como dissémos, a penas severis- simas, á custa do dinheiro do po- vo, que alimentava, pelo cofre da beneficencia, as amantes de va- rios figurões, esse dinheiro gasto a rodos, nos processos que se mo- veram contra nós, para *desaggra- vo* dos honrados cavalheiros que constituíam o municipio de Lis- boa.

O que se passou depois? Não sabemos. Mas sendo certo que vicios d'estes não se perdem n'una hora, sendo certo que os abusos augmentam de dia para dia em todos os actos e ramos da vida official, sendo hoje maior do que nunca a *confusão de todos os era- rios*, não haverá em Lisboa hom- em de juizo, que não se apro- veite da urna, no proximo doming- o, para lavrar o seu protesto contra tantos atropellos e tama- nhas traficancias.

Não se trata, já, não se deve tratar, de affirmar, apenas, ideaes politicos. Trata-se, ou deve-se tratar, sobretudo, de pôr um di- que, seja como fôr, ao esbanja- mento, á traficancia, á explora- ção, ao abuso.

E' o que impõe o patriotismo. E' o que impõe a honra indivi- dual e nacional. E' o que impõe o bom senso.

Os republicanos fazem bem em ir á urna, tenham os votos que tiverem. Salvam ao menos o decôro da causa que defendem.

Um partido democratico sui- cida-se, abstendo-se. Os republi- canos, indo á urna, affirmam os seus principios. E protestam. Que os outros, os homens previdentes de todos os partidos, os não acom- panhem na affirmação d'esses principios, comprehende-se. Mas que os não acompanhem no pro-

testo, seria a maior das imbecili- dades.

A necessidade mais urgente á salvação d'este paiz é *metter medo* aos que mandam.

Ou o paiz se impõe, ou o paiz *mostra má cara*, quanto antes, ou Portugal está definitivamente, ir- remediavelmente perdido.

Isto não é rhetorica. E' uma grande verdade.

Só a não aceita, só a não re- conhece um imbecil.

— Cada um é artefice da sua ven- tura.

Ao sr. director do correio

Repetidas vezes nos faltam nu- meros dos periodicos que trocam com o *Povo de Aveiro*. Ainda na ultima terça-feira nos faltaram o *Diario da Tarde* e a *Folha do Po- vo*. Não é a falta da administração d'esses jornaes. E' do correio. E sem querermos que seja sempre do correio de Aveiro, bem póde succeder, comtudo, que se repita com mais frequencia, do que o natural, que seja levado para ou- tros aquillo que é para nós, como para nós tem vindo, por vezes, aquillo que é para os outros.

Ainda ha dias nos appare- cen aqui um numero da *Folha* cintado para o *Jornal de Aveiro*.

Ora o *Jornal de Aveiro* não existe ha muitos annos. Para on- de vae esse numero da *Folha*, que trazendo cinta impressa, como vi- mos, é enviado para Aveiro todos os dias com aquella direcção?

Não seria honesto que o cor- reio de Aveiro devolvesse aquel- le periodico com a declaração de que não existe n'esta cidade ne- nhum *Jornal de Aveiro*?

Não é do regulamento, dir-nos- hão. Porque nós temos notado que os correios teem um regula- mento *mágico*, que dá logar a to- das as desculpas.

Pois se não é do regulamento devolver a correspondencia des- tinada a entidades que não existem, tambem não é do *regu- lamento* entrega-la a terceiros.

Seja como fôr, esperamos que o sr. director do correio dê as providencias precisas para que os jornaes que veem para o *Povo de Aveiro* se-jam entregues no *Povo de Aveiro*.

E, feito, isso, daremos licença para que entreguem a quem qui- zerem os jornaes que veem para um jornal que não existe em Aveiro.

Transcrições e referencias

O estimado collega *O Norte* transcreve parte do nosso ultimo artigo editorial, referindo-se a es- se artigo em termos penhorantes.

O nosso prezado collega *Re- sistencia*, de Coimbra, tambem se refere largamente a esse artigo, com palavras de sympathia, resu- mindo-o e transcrevendo-lhe al- guns periodos.

A *Semana Alcobacense*, illustre collega de Alcobaca, refere-se amavelmente ás nossas *Cartas d'Algures* e ao *Povo de Aveiro*.

Agradecemos a todos os colle- gas as suas honrosas referencias.

Cartas d'Algures

23 DE OUTUBRO.

Diziamos nós que a municipa- lisação dos serviços publicos, sen- do uma excellente coisa nos paiz- es da luz, onde o homem é ins- truido e educado, onde trabalha e sabe trabalhar, sem fazer da ociosidade uma religião, onde tem espirito de solidariedade, onde possui o nobre sentimento do dever, não passará, por enquanto, em Portugal, d'uma generosa as- piração.

Deus nos livre d'isso ser posto em prática entre nós!

O que nos mata a todos, mo- narchicos e republicanos, a nós proprios que nos dizemos sábios e dirigentes, é a nossa educação incompleta, é a nossa instrucção deficiente. E por isso não passa- mos todos de theoreticos; e por isso damos todos em nephelibat- as. Lemos muito, mas não me- ditamos o que lémos. Não pen- samos. Não cessarei de o dizer! E como não pensamos, o nosso impeto, muitas vezes generoso, é transportar para Portugal tudo aquillo que dá bons resultados lá fóra. Sem attendermos á differen- ça dos usos, dos habitos, da ins- trução, da educação.

Esquecemo-nos sempre da nos- sa ignorancia, do nosso atrazo, da nossa selvageria. Esquecemo- nos sempre de que a nossa des- moralisação é cem vezes mais prejudicial do que a desmoralisa- ção dos povos cultos. Em conta- cto com elles, perdemos as virtu- des patriarchaes dos povos bar- baros, sem adquirirmos as virtu- des que lhes deu, a elles, a alta cultura que possuem.

Sómos uns theoreticos! Sómos uns nephelibatas! Começamos sempre por onde devíamos aca- bar. Ou acabamos por onde de- víamos começar.

Em Lisboa foram creados os talhos municipaes para combater o monopolio dos marchantes. Qual foi o resultado? A camara perdeu cerca de 500 contos de réis. E perdeu cerca de 500 con- tos de réis fornecendo apenas,— note-se esta circumstancia, que é importantissima—a 4.ª parte da população da cidade. O que ella perderia se tivesse ousado forne- cer a cidade toda!

N'essa 4.ª parte da população de Lisboa entravam os grandes hotéis, os politicões, os influen- tes eleitoraes, os compadres, os amigos, como é notorio. O povo não, que não come carne. De fór- ma que o beneficio, quando o houve, redundou todo a favor dos amigalotes, como é velho costum- me portuguez.

Tambem esta circumstancia é digna de nota.

Mas o mais edificante é que a camara comprava as rezes para os seus talhos aos proprios mar- chantes, aos monopolistas, que acabaram por não lh'as querer vender, porque a camara, conde- mnada repetidas vezes no Tribu- nal do Commercio de Lisboa, co- mo caloteira, lh'as não pagava!

O que succederia se o muni- cipio de Lisboa tem chegado a crear, como projecton, as pade- rias municipaes? Com trigo molle a 720 réis, e o rijo a 690 réis, cada dez kilos, conforme as tabel- las do *Mercado Central*, para tri-

gas de 81 kilos de peso o hectolitro, se a camara se tem mettido em brios de baratear o preço do pão, a quantos milhares de contos subiria o seu deficit no fim de alguns annos? A quanto montariam as suas perdas, as suas enormes perdas, olhando ao que succedem na experiencia dos talhos municipaes?

O que succederia se, a exemplo da Inglaterra e outros paizes, a camara explorasse o fornecimento da agua, do gaz, e outros identicos?

Entre nós, povo de ociosos e vadios, sem amor ao trabalho, sem faculdades de trabalho, sem escrupulos; onde ao *communismo monastico* se substituiu o *communismo burocratico*, taes experiencias são sempre perigosas e sempre prejudiciaes.

O pensamento dominante, o unico objectivo de municipios e governos, é *crear novos logares*, fazer desdobramentos burocraticos, inventando nichos, como a projectada succursal em Londres do *Mercado Central dos Productos Agricolas*, como as embaixadas da China e Japão, etc.

Apprende-se a lér, obtem-se um diploma, não para applicar os conhecimentos adquiridos e empregar a actividade na industria, na agricultura, no commercio, mas para obter um emprego. A idea fixa é esta.

Paiz onde o burocrata tem predominio absoluto, não pôde, sem grande perigo para a economia nacional, aceitar a municipalisação dos serviços publicos. É preciso modificar o meio, antes de tudo.

Na campanha movida pelo *Povo de Aveiro*, em 1894, contra a camara municipal de Lisboa, viu-se quantas traficancias, quantos abusos, quantos escandalos se commelliam, e muitas d'essas traficancias, e muitos d'esses abusos, diga-se a verdade, que estamos aqui para a dizer, dá a quem doer, com a responsabilidade de alguns dos proprios republicanos.

Ao subir as escadas do edificio do Largo do Pelourinho, dizia-nos um dia um republicano eminente, que já morreu: «Não está aqui um preço que esteja por menos d'uma libra. A mais modesta porta não estará em quantia inferior a 700\$000 réis.»

Espantados, perguntámos:

— Então quanto custou isto?

— Nunca se saberá! Mas estas obras, as da Avenida e outras levaram a camara á fallencia.

Um amigo nosso contava-nos ha dias que, indo, ha poucos annos, á sua aldeia, encontrára os membros da *Junta de Parochia* indignados com um officio que haviam recebido da camara, com sede n'uma povoação vizinha.

— Com quanto contribuímos nós, perguntou, para o orgamento municipal?

— Com 600 a 700\$000 réis annuaes.

— E o que nos tem dado a camara em melhoramentos?

— Em vinte annos tem gasto conosco 25\$000 réis!

Accrescentaram:

— A camara não tem um real para obras nem para nada. Quasi toda a sua receita é devorada pelos empregados effectivos e aposentados.

Vejam o que seria n'este paiz de zangões a montagem dos serviços municipaes.

Que jubileu para a vadiagem!

A. B.

«A REVISTA»

Recebemos o numero 4 d'este semanario de sciencias e letras, com magnificos artigos de Joaquim de Araujo, Anthero do Queental, dr. João Penha, João Grave, Gonçalo Sampaio, dr. Eugene Fournier, Julio Brandão, Vieira de Costa, Pinto Ribeiro, Antonio Carvalho, dr. José Julio Gonçalves Coelho, dr. F. Cunha, dr. F. de Vasconcellos, dr. Manuel Lorangeira e Zola.

É excellente, no seu genero.

ESTUPIDOS!

Bem dizemos nós: antes de tudo e acima de tudo são estupidos.

O «Campeão das Provincias», com aquelle ar de charlatão de feira que sempre o distinguui, publica artigo de fundo a proclamar que a 9.^a brigada de infantaria foi transferida para Coimbra.

E isto é uma burla, diz o dentista em voz cavernosa. Enós sempre previmos isto. E nós sempre o dissémos. E eis ali como foram cumpridas as promessas. E isto não pôde nem deve ser assim. E nós cá estamos para vingar a cidade, etc.

Eternos charlatões!

E grandes brutos, juntamente.

Os commandantes de todas as brigadas teem o dever de fiscalisar e inspecionar as unidades sob as suas ordens. Queria o bruto que o commandante da brigada inspecionasse d'Aveiro as unidades que estão em Coimbra?

O commandante da brigada de Aveiro está em Coimbra, como o commandante da brigada de Lamego está em Vizeu, como o commandante da brigada de Leiria está em Thomar.

Mas deixaram d'existir as brigadas de Aveiro, de Lamego e de Leiria, porque os respectivos commandantes, ajudantes e maiores inspecionam as tropas que não estão aquarteladas nas sedes das brigadas.

Que grandes brutos!

E publicam aquillo em artigo de fundo.

Que grandes brutos!

«Progresso de Aveiro»

Vae entrar no quarto anno de existencia este nosso collega da localidade.

Felicimo-lo, desejando-lhe vida prospera e feliz.

A DEGRADAÇÃO NACIONAL

Os factos que ultimamente se passaram em Aveiro, a proposito d'uma pendencia de honra, demonstram mais uma vez a baixeza extrema a que desceram os caracteres em Portugal.

Ha tempos o sr. dr. Manuel Homem de Mello, julgando-se offendido por um artigo publicado n'uma gazeta local, enviou ao sr. dr. Jayme de Magalhães Lima, indicado pela gente da typographia como director da papeleta, dois amigos seus, pedindo, como é das praxes, explicações satisfactorias ou a consagrada reparação pelas armas.

O sr. Jayme de Magalhães Lima declinou a responsabilidade em outro individuo e a este se dirigiram os representantes do sr. Homem de Mello. O auctor do artigo, por seu turno, nomeou dois amigos para se entenderem com os do sr. Homem de Mello e um d'esses amigos era o proprio sr. dr. Jayme de Magalhães Lima.

Lavrou-se a acta respectiva e d'ella extrahimos este periodo curioso:

«Pelos segundos signatarios foi dicto que o seu constituinte, (segue o nome do biltre) auctor do artigo citado, sob a influencia d'uma informação que lhe havia sido dada por pessoa sua

amiga, de que o Ex.^{mo} Sr. Dr. Manuel Homem de Mello havia escripto uma carta anonyma em virtude da qual se não realisara uma sua pretensão, formulara aquellas accusações contra elle, que era realmente a pessoa visada no artigo referido, sem ter todavia **provas nem indicios alguns da sua verdade.**»

Concluam, é claro, por retirar completamente as phrases publicadas no referido artigo (textual).

Como se vê, isto é a ultima degradação e aqui se continuam as proezas d'aquelle biltre da *Corneta do Diabo*, esse symbolo, *todo elle immundicie e malandrice*, que Eça de Queiroz admiravelmente desenhou nos *Mais*.

Tinha uma pretensão. E como não realisou a sua pretensão, por causa d'uma carta anonyma, que uma *pessoa amiga* lhe disse ser do sr. Homem de Mello, desatou a arremessar contra este cavalleiro as accusações mais infamantes sem ter, todavia, elle o confessor! **provas nem indicios alguns da sua verdade.** Elle o confessou!

Mais abjecto que o Palma Cavalão, que não engeitava, no menos, as suas responsabilidades, e mais biltre que o Damaso, que, para retirar as infamias escriptas, dava, ao menos, o pretexto de estar bebido de todo quando as escrevera.

Isto vae descendo.

A *Corneta do Diabo*, uma das syntheses d'um periodo social cheio de lama, não chegou a ter a audacia de se declarar orgão d'um partido, nem a de ser dirigida por um homem de *boa sociedade*.

Este papel immundo, rabisado por bandidos que não hesitam em confessar que dirigem as mais infamantes accusações contra um homem sem PROVAS e nem sequer INDICIOS ALGUNS DE VERDADE, só porque imaginam que esses homens lhe contrariam as pretensões, é orgão dos francaceos, dos membros d'um partido que se propõe reformar a sociedade portugueza e é dirigido por um ex deputado d'esse grupo, o sr. Jayme de Magalhães de Lima.

Jayme de Magalhães Lima que é um dos signatarios da acta, como padrinho ou representante do biltre que escreveu as infamias referidas.

E' claro que esse sr. Jayme perderia, depois d'isso, toda a consideração social, n'uma sociedade onde o pundonor valesse ou representasse alguma coisa. Entre nós, ficou sendo tão considerado como era até ali!

Mas não é tudo.

Passados poucos mezes, o mesmo sr. Homem de Mello sendo novamente offendido n'ontra gazeta da localidade, procura desaffrontar-se por meios identicos. Não podia nem devia a gazeta, onde um ignobil gazeteiro declarára, pouco antes, que tinha dirigido ao sr. Homem de Mello accusações infamantes *sem provas nem indicios alguns de verdade*, dizer, pelo mais elementar principio de decencia, uma palavra a tal respeito. Pois os biltres, tendo, aliás, o sr. Homem de Mello, dentro das praxes que regulam as chamadas pendencias de honra, procedido com toda a correcção, não hesitam em dirigir áquelle cavalleiro

as chalaças mais grosseiras, por entre as affirmações mais calumniosas, attribuindo ao sr. Pinto dos Santos, por exemplo, que dias antes provára o seu caracter cavalleiro na pendencia Alpoim-Baracho, e ao sr. Guilherme Moreira, palavras que só dois biltres, e imbecis ao mesmo tempo, poderiam, em circumstancias taes, haver pronunciado.

E o sr. Jayme de Magalhães Lima continúa a ser o inspirador da nova *Corneta do Diabo*! E continúa a ser um homem de *boa sociedade*!

Quanto isto tem descido!

Mas vejamos outro aspecto d'esta degradação.

A nova pendencia do sr. Homem de Mello é provocada por um artigo escripto no *Campeão das Provincias*. O sr. Homem de Mello, como já dissémos, envia duas testemunhas ao *Campeão das Provincias*. Um supposto director d'este periodico declara que assume a responsabilidade do artigo, mas que não dá explicações nem reparações pelas armas. Quando a questão parecia por esta forma liquidada, surge o sr. Barboza de Magalhães a declarar-se auctor do artigo. Envia-lhe o sr. Homem de Mello as mesmas testemunhas, ás quaes o sr. Barboza de Magalhães dá a mesma resposta do supposto director do *Campeão das Provincias*.

E' claro que desde o momento, em que appareceu o sr. Barboza de Magalhães a declarar-se auctor do artigo, toda a responsabilidade do director do jornal tinha desaparecido. Sobre isto não ha duvida nenhuma. Pois quem surge a provocar a scenas de pugilato o sr. Homem de Mello não é o sr. Barboza de Magalhães, auctor do artigo, responsavel por elle, auctoria e responsabilidade que fez espalhar por toda a parte. E' o supposto director do *Campeão das Provincias*, que já não tinha nada que vér com a questão!

E Barboza de Magalhães, assim como fez espalhar que era elle o auctor do artigo, e que de tal artigo assumia toda a responsabilidade, assim fez espalhar que o sr. Homem de Mello praticára uma *acção de covardia* não correndo a chicote o director do *Campeão das Provincias*, que lhe apparecera, com gente apalavrada, a provoca-lo, no ponto mais concorrido da cidade, com espectadores, com *claque*, com rufões ignobeis promptos a ajuda-lo na *proeza heroica*, á primeira voz.

Isto é: Barboza de Magalhães, ao que logicamente se deduz, só veio a correr de Celorico para dar pretexto á scenas que se passou debaixo dos Arcos. O supposto director do *Campeão das Provincias* não appareceu a provocar o sr. Homem de Mello emquanto era elle que assumia a responsabilidade do artigo. Só appareceu quando essa responsabilidade passou para Barboza de Magalhães e quando Barboza de Magalhães chegou a Aveiro, vindo de Celorico a correr.

Ora para que chegou Barboza de Magalhães?

Para dar explicações?

Não.

Para dar reparações pelas armas?

Não.

Para provocar elle, pessoal-

mente, na rua, o sr. Homem de Mello?

Não.

Para que foi então?

Para o seu *alter ego* ir, com um bando, passear com arrogancia, que d'isso não passou a provocação, debaixo dos Arcos, quando alli estacionava o sr. Homem de Mello, e fazer espalhar pela imprensa que o sr. Homem de Mello recebera uma imponente manifestação de desagrado, e procedera com acanhamento, fraqueza, ou covardia não castigando a arrogancia do ridiculo *alter ego*.

E, depois d'isso, continúa Barboza de Magalhães, como Jayme de Magalhães Lima, a ser um homem de *boa sociedade*!

Isto desceu tudo.

Isto já não é lódo.

Isto é uma cloaca.

— Ha pessoas que não desejam tanto ser celebres como ser celebradas.

TEM RAZÃO

A *Soberania do Povo* extranha que os amigos do sr. Manuel de Mello alimentem com as suas assignaturas a *Nova Corneta do Diabo*, que é uma porca e cuja papeleta. E mostra essa extranheza a proposito do que a papeleta disse sobre o sr. padre Pinto, prior de Recardães.

Tem razão. Mas olhe que d'esses amigos tem o sr. Manuel de Mello alguns em Aveiro. Poderiamos dizer alguma coisa sobre esses *meninos*, que servem a Deus e ao Diabo. Mas não queremos, por enquanto.

Só diremos que os que alimentam tão porca papeleta dizendo-se adversarios dos francaceos e censurando os processos da *Corneta*, teem, sem duvida, pouco brio e caracter.

De automovel

Na passada terça-feira, esteve em Aveiro, onde chegou d'automovel, o sr. A. V. Patterson, director geral da Colonial Oil Company. O sr. Patterson, um perfeito americano, aliando á affabilidade e delicadeza do trato a mais decidida actividade, predicados estes que em geral caracterizam todos os seus compatriotas, veio para ultimar o contracto de compra de terreno, onde vão construir-se n'esta cidade os armazens da Companhia, de que é agente o nosso amigo e importante commerciante da praça d'Aveiro, Albino Pinto de Miranda.

Taes terrenos, informa-nos o sr. Miranda, estão effectivamente adquiridos e ficam situados no extremo da cidade, proximo do caes, na estrada que vae de Aveiro á Barra. Os armazens começarão brevemente a construir-se.

Com o sr. Patterson, vinha, para lhe servir de interprete, é seu habil e attencioso empregado, Augusto de Castro.

Depois d'uma pequena demora em casa do sr. Albino Pinto de Miranda que, como dissémos, o agente da Colonial Oil Company em Aveiro, seguiram os srs. Patterson e Castro no seu automovel com destino ao Porto, pela estrada d'Albergaria, indo acompanhal-os até ali o sr. Miranda.

Do Porto seguem para Braga, Régua e Vianna do Castello, e depois visitarão Vizeu, Guarda e outros pontos da Beira-Baixa, onde teem agencias, em seguida ao que regressarão a Lisboa, sede da Companhia em Portugal.

UMA PERGUNTA

Perguntam-nos porque é que a *Nova Corneta do Diabo*, lançando peçonha e baba em tudo e em todos, tem deixado em relativo abandono a obra do canal de S. Roque, que é devida aos esforços do sr. Albano de Mello.

Por um motivo simples. Porque a obra do canal de S. Roque vae beneficiar notavelmente algumas propriedades do sr. Jayme Lima, illustre director da *Nova Corneta do Diabo*. As *cornetas* do orgão do sr. Lima não fariam mal nenhum á obra. Contudo, nunca fiando, diz o sr. Lima,

Deixar lá a obra em p z!

Palma Cavallão & C.^a
(SUCESSORES)

A «Soberania do Povo» publica a carta que se segue:

Meu presado amigo:

Tive conhecimento pelo dr. Alvaro do pedido que te dirigiram alguns influentes d'Aveiro para acceptares o encargo de representante d'este circulo. Sei qual é a opinião de teu Ex.^{ma} Pac a esse respeito. Mas seja qual for—não deixa de ser susceptível de modificar-se: e pela minha parte, como dever de amizade e de convicção—julgo-me obrigado a dizer-te que muito estimaria a tua annuancia ao pedido feito.—Por ti, embora o caso importe um sacrificio, tambem significa um valioso testemunho de consideração e de reconhecimento dos teus meritos e dos teus serviços.

Per isso, como amigo do que tu tens mais sinceros, e perdoe-se-me a vaidade—menos importunos, peço me permitas associar o meu pedido pessoal ao pedido—que com outra significação alguns influentes d'Aveiro te dirigiram. Se acceptares, é um novo serviço prestado á cidade e aos principios.

Accepta os meus cumprimentos affectuosos.

Aveiro. 30—10—99.

MANUEL RODRIGUES VIEIRA.

E' o mesmo que se rojava aos nossos pés, dizendo:

«Conforme eu já manifestei n'outro lugar, tenho seguido sempre, embora de longe, a carreira de v. ex.^a, lendo não só o Povo de Aveiro, desde a sua fundação, mas ainda outros jornaes em que tem collaborado; e por mais d'uma vez tenho revelado a minha admiração pela sua illustração e capacidade de escriptor e de polemista... Tenho orgulho n'isso; tenho satisfação em ter procedido assim.»

E' o mesmo que, no proprio instante em que se rojava aos nossos pés, nos mandava apedregar pelo garoto que tem ás suas ordens.

E' o mesmo que, para se livrar da responsabilidade d'esse procedimento sem nome, nos escrevia que a «Vitalidade» era do outro, provando-se, com os documentos aqui publicados pelo sr. dr. Alvaro de Moura, que o outro nada tinha com aquillo.

E' o mesmo que dizia que o socio era um idiota e um pulha, como se viu das cartas que nos escreveu e das quaes extrahimos alguns periodos aqui publicados. Um idiota e um pulha cuja camaradagem, affirmava, devia ter repellido. «Eu devia ter tomado então (textual) a resolução de não querer mais tal camaradagem. Não o fiz inteiramente. Mas agora espero que não sairá d'alli no vo desgosto.»

Assim dizia!

E'n camaradagem continuou mais intima, mais apertada, mais sólida do que nunca!

Como ao pé d'este padre, d'este tonsurado estoirando de hypocrisia e de vicios, o Palma Cavallão era um homem cheio de virtudes!

O discipulo eclipsou o mestre!

Quando o sr. Manuel Homem de Mello poucos ou nenhuns serviços tinha prestado a Aveiro, escrevia-lhe a instar que acceptasse a candidatura que d'aqui lhe offereciam. Hoje, que o sr. Homem de Mello tem prestado e está prestando relevantes serviços á cidade, não ha injuria nem infamia que, pelo socio, pelo garoto, lhe não mande arremessar.

Então, o dr. Manuel Homem de Mello era um benemerito e o jesuita repellente dedicava-lhe a sua amizade. Hoje o dr. Manuel Homem de Mello é tudo quanto ha de mau,

Não ha que vêr: se o Palma Cavallão resuscitasse, ao vêr as fumas que constituem a firma que lhe succedeu, ficava pasmado e... indignado!

«A Folha»

Este illustre collega de Lisboa passará a denominar-se *A Tribuna*, do dia 3 de novembro em diante.

Desastres

No domingo passado e quando se realisavam as corridas da regata que os banhistas da Costa Nova promoveram para esse dia, o nosso amigo sr. José Gonçalves Gamellas, conceituado commerciante d'esta praça, teve a infelicidade de ser abalroado com um cyclista *labrosca*, do que resultou ficar o nosso amigo muito contundido e com uma clavicula fracturada. Recolhido em acto continuo, foram-lhe alli mesmo prestados os primeiros curativos, seguindo depois para esta cidade onde foi entregue aos cuidados do abalitado algebrista e nosso amigo sr. Manuel Gonçalves Netto e dos distinctos medicos srs. Armando de Azevedo e Alvaro Ferreira.

E como vae melhor, desejamos-lhe em breve o seu prompto restabelecimento.

Tambem n'esse mesmo dia o ao descer do carro que da Costa Nova faz carreira para esta cidade, cahiu desastrosamente o sr. João Henrique Baixinho, tio dos nossos amigos Luiz e Alfredo Henriques, que fracturou grandemente a face esquerda, rasgando tambem o couro cabelludo n'uma grande extensão, pelo que teve de ser cosido a pontos naturaes.

Ao modesto e honrado João Baixinho desejamos o seu breve restabelecimento.

Preparam os amigos do sr. conselheiro Albano de Mello, na pittoresca villa d'Agueda, um esplendido banquete para solemnizar o anniversario da *Soberania do Povo*, e dar tambem um testemunho do alto apreço em que tem aquelle cavalheiro e os serviços por elle prestados aquella terra.

A Illuminação da cidade

O que se está dando com a illuminação da cidade é ultra-comico, ridiculo e vergonhoso.

Parece que habitamos em terra nevoenta, onde as lamparinas tremelicam ao esfarraparem-se nas suas vidraças a fumarada da densa e humida neblina.

E a pequena luz que então nos mostram os candieiros assemelha-se aos pequenos pavios das velas de stearina e aos dos brandões que acompanham os defuntos ao cemiterio.

E para cumulo de sovinnice, para não dizermos de relaxamento, mandam accender os candieiros já de noite fechada, e apagal-os ainda não rompe a manhã.

Isto não se pôde nem se deve tolerar por mais tempo. Aveiro não é nenhum burgo pôdre onde qualquer possa fazer o que muito bem lhe aprouver.

Em toda a parte ha regulamentos para a luz e para as horas de accender e apagar. Porque o não ha de haver tambem em Aveiro?

Ha ali quem impensadamente increpe os pobres lampianistas por estas faltas. Pois não ha razão para isso, porque elles unicamente cumprem as ordens superiormente dadas.

E', pois, dos superiores que nós, com justa razão, nos queixamos, esperando que se remediem taes faltas para não termos que voltar ao assumpto.

Assim é que não pôde continuar.

Espantailho

Chamamos a attenção do sr. chefe dos serviços fluviaes e maritimos, para aquelle espantailho do barracão que se ergue junto ao caes de descarga na praça do

Peixe, como improprio de estar n'aquelle local. Havendo ali tantas casas para alugar para posto da guarda fiscal, não sabemos qual a razão porque se consente ali aquelle mono, que tanto desformozia a praça e atrapalha o serviço de carga e descarga na ria.

O «FREI», CHUPISTA

Nós bem sabemos que o *Frei* era tudo aquillo que aqui lhe temos apontado. O que, porém, ignoravamos é que elle reunia a tudo isso tambem o mister de *chupista*.

Mas não vão imaginar com isto que elle seja algum *chupista de pontas*... de cigarro. Nada d'isso.

O bom de *Frei* é unicamente *chupista* de bellas taças de *champagne* e de bons *copázios* de vinho fino do *Antônio Nicolau*. *Antônio Nicolau* é um modo de dizer. *Nicolau* no nome e... *Paio* na pessoa, é que elle é.

Pois vá, vá regalando a barriguinta que os tempos estão bichudos e a marca do *Se-mo-dão* é ainda hoje uma mais recommendada e das que mais baratas ficam ao consumidor.

«A Verdade»

Recebemos o 1.^o numero d'este periodico, que começou a publicar-se em Coimbra.

E' redigido por academicos. Que tenha muitas prosperidades.

Tribunal judicial

Responderam no dia 22 em processo correccional Manuel Gonçalves Marques Novo, o *Barrigas*, e Domingos Marques Mellão, da Oliveirinha, accusados do crime de furto de dois cordões de ouro. Foram condemnados: o primeiro reu em 3 mezes de prisão e 15 dias de multa a 500 réis por dia; o segundo reu em 2 mezes de prisão e 15 dias de multa a 500 réis por dia, e ambos nas custas e sellos do processo. Defensor, sr. dr. Joaquim Peixinho; escripto, sr. Souto.

A defeza appellou da sentença e o Ministerio Publico tambem appellou por achar leve a pena applicada aos réos. Estes sahiram por se acharem affiançados até á resolução do tribunal superior. A audiencia terminou ás 6 horas da tarde.

Salubridade publica

Tivemos occasião de observar que o sr. Barão do Cadore, commissario de policia civil, tem presenciado o desleixo em que se encontra a rua de Santo Antonio e as immundicies que por lá se acham accumuladas, imprezando as escorrecencias dos canos e das aguas que despejam das janellas para o solo. Avalio, pois, s. ex.^a se nós temos ou não razão para clamar contra semelhantes abusos que altamente prejudicam a saude publica.

Sabemos que s. ex.^a tem dado algumas providencias contra taes incurias, o que é para louvar.

emana Illustrada

Com este titulo deve apparecer por estes dias, um novo hebdomadario que, pela orientação que lhe imprimem os seus directores, deve causar uma verdadeira revolução no nosso meio.

A nova publicação, de intentos educativos e litterarios, é especialmente dedicada ás senhoras e ás crianças, a quem consagra a maior parte das secções, contando com grande e escolhida collaboração. O problema feminista, nos seus variadissimos aspectos, deverá ser alli tratado com proficiencia e por um criterio superior.

Modas, lavôres, bibliographias de mulheres celebres e de artistas, musica, romances, contos para creanças e conselhos ás mães, economia domestica, acontecimentos, tudo isso fornecerá materia que ha de preencher as suas colunas e que, exploradas convenientemente, formará uma leitura sã, instructiva e cheia de incentivos.

Cada numero de 8 paginas deverá custar 20 réis.

ONDAS E TREVAS

Onde vae, porém, o navio? Além. Mal se avista já por entre as trevas pallidas do horisonte.

Sopra o vento ás lufadas; enroscam-se n'elle mil serpentes liquidas.

Alça os olhos, não avista mais que a lividez das nuvens que pairam a lo de cima e em volta d'elle.

Presencia agonizante o immenso delirio do mar e a victima d'essa demencia é elle.

No meio da sua angustia, ouve ruidos estranhos ao homem, que parece vir de não sei que terrivel região de além da terra.

Por entre aquellas nuvens pairam aves, como os anjos por cima dos infortunios humanos; mas que pôdem ellas fazer-lhe?

Vôam, cantam, fendem os ares, e elle agonisa, vê-se sepultado por dois infinitos ao mesmo tempo: Oceano e céu; um é o sepulchro; outro mortalla.

Desce a noite.

Já as forças lhe escasseiam, por que ha umas poucas de horas que nada; esse vulto longiuco em que havia homens, esvaeceu-se de todo, elle, o infeliz, já só no meio da pavorosa voragem crepuscular; mergulha, debate-se, estorce-se, sente por baixo d'elle os monstros impalpaveis do invisivel.

Chama.

Ninguém lhe responde.

Nem um só homem ha alli que o ouça.

Mas Deus?

Chama.

Alguem! Alguem!

Continúa a chamar.

Nada no horisonte, nada no céu.

Implora a extensão, as vagas, a alga, o escolho; é tudo surdo.

Supplica á tempestade; a tempestade impeturbavel, só obedece ao infinito.

Em torno d'elle escuridão, névoa, solidão, tumulto tempestuoso e inconsciente, redemoinhar incessante das agnas desertas.

N'elle horror e extenuamento. A seus pés o abysmo incommensuravel e nada a que deitar a mão para suste-se da queda.

Cogita nas tenebrosas aventuras do cadaver no meio da escuridão illimitada. Paralisa-o o frio sem fim.

Crispam-se-lhe as mãos, fecha-se e apanha o nada.

Ventos, nuvens, turbilhões, lufadas, estrelas inuteis!

Que fará o mesquinho?

Quem está caçado resolve-se a morrer. Entrega-se sem esperança á descripção, deixa-se ir, deixa-se balouçar, e o il-o que para sempre rola pelas lugubres profundezas da voragem que o submerge.

O' impiedosa marcha das sociedades humanas, em que se não dá attenção aos homens e ás almas que se vão perdendo!

Oceano que observe sem remedio quanto a lei deixa cahir!

Sinistra desaparicação de socorro! O' morte moral!

O mar é a inexorvel escuridão social a que a penalidade arremessa os seus condemnados.

O mar é a immensa miseria!

A alma que cae a este golphão pôde tornar-se cadaver.

Quem a resuscitára?

VICTOR HUGO.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, da 2 ás 4 da tarde, no Jardim Publico, é o seguinte:

Ordinario. Pot-pourri da opera *Il Pagliacci* (Leoncavallo); pot-pourri da opera *Tannhauser*, (Wagner); *Isabella*, ouverture (Sappé); *El Miserere*, Aria de tiple del 4.^o acto da opera *Trovador*, (Verdi); *Cinira Polono*, polka (Nicolau).

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	720
» encarnado.....	900
» manteiga.....	650
» amarelo.....	650
» mistura.....	500
» caraça.....	800
» frade.....	520
Milho branco.....	560
» amarelo.....	540
Trigo gallego.....	18060
» tremez.....	960
Aveia.....	200
Cevada.....	640
Centeio.....	600
Batatas, 15 kilos.....	260
Ovos, duzia.....	180

Cambios

O cambio do Brazil sobre Londres está a 12 1/16.

Libra no Brazil: 198896 réis;

em Portugal, 55605 réis.

Valor de 100000 réis forcós no Brazil, 285170 réis fortes.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

OS DO «LAMPEÃO» CONFESSANDO-SE

Os do *Lampeão*, por os srs. Albano de Mello e Manuel de Mello serem d'Agueda, não querem por isso que elles prestem serviços a Aveiro.

Então que lhes parece? Reconhecem-lhes os meritos, não *repudiam os seus serviços*, mas querem que esses serviços sejam só para Agueda e que os d'Aveiro *chuchem* nos dedos, entregues á *impotencia e fraqueza dos do «Lampeão»*.

Mas, n'essa ordem de ideias, tambem os serviços do sr. Castro Mattoso devem ser só para a Oliveirinha, os do sr. Conselheiro José Luciano para Anadia, os do sr. José d'Alpoim para Mesão-Frio e ainda os do sr. Hintze Ribeiro para a Ilha da Madeira.

Pois não é assim? E para Aveiro quem os havia de prestar?

Os do *Lampeão*?

Os *Chizás*?

Mas os primeiros confessam a sua fraqueza no proprio papel, e n'estes termos: *E deixem-nos entregues á nossa propria fraqueza, á nossa impotencia, que é o meio de melhor lhes avaliarmos os meritos, e de a imprensa desagradecida os deixar em paz e socego para todo o sempre.*

Querem confissão mais clara? Embora os do *Lampeão* o digam por ironia, nós é que o tomamos a sério.

Fracos, fraquissimos sempre, mas com as guellas atravessadas pela enorme tranca da inveja.

Pois deixemo-nos, por uma vez, de historietas e de palavradas balôfos de quem arde em labaredas invejosas; a população d'Aveiro, na sua maioria, é reconhecida aos srs. Albano de Mello e Manuel de Mello pelos favores pessoais e materias que d'elles tem recebido e continuará a receber, porque, sem embargo de infimas invejas e malquerenças, suas ex.^{as} continuarão a serem os protectores d'esta maldadada terra, que melhor sorte merecia.

E vão pondo a nú a sua fraqueza e o odio que nutrem aquelles cavalheiros juntamente com as trapaças edeturpações das verdades e dos factos, como costumam, que nós caminharemos para a frente e pelo bom caminho dos seus interesses, embora isso peze a quem não gosta de a vêr prosperar e florescer.

Atenção

João Francisco Pedro, es, tabelado no lugar do SOL-POSTOS participa aos seus amigos, freguezee e ao publico em geral de que, desde hontem em diante, tem á venda carne fresca de porco, febras e reijões, por preços muito favoraveis.

Agradece, desde já, a todos aquelles que o visitem ajudando o assim a viver no seu humilde negocio.

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores, antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros

UM REIS CADA VOLUME

ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE HISTORIA, CRITICA
Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos

PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.

100 réis o volume

Cada pagina de leitura por menos de um real

IDÉA E FINS DA PUBLICAÇÃO

O fim d'esta publicação é o de concorrer para que o povo portuguez conheça a sua litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarisação d'obras primas tornando-as familiares e accessiveis a todos. De nenhum outro modo poderia a Bibliotheca Horas Romanticas conseguir este seu principal objecto, que não fosse o de se facilitar ao alcance de todas as fortunas, pelo seu preço baratissimo.

A Bibliotheca Horas Romanticas publicará de cada auctor, o mais selecto, o melhor, o que é indispensavel ser conhecido. O seu formato será elegante, commo e portatil. Abundantissima a leitura de cada volume. A sua barateza inexcusable.

E' nosso empenho conseguir que a Bibliotheca Horas Romanticas seja tão instructiva como delectosa; que os seus livros possam chegar ás mãos de todos constituindo em todas as familias e em todas as corporações associativas uma encyclopedia consoladora, a qual todos estimem e tragam frequentemente manuseada. Os volumes da nossa Bibliotheca oferecerão a facilidade de serem lidos durante os ocios das diversas occupações quotidianas de cada leitor. A Bibliotheca Horas Romanticas será uma collecção preciosa de verdadeiras obras primas.

VOLUMES PUBLICADOS

N.º 1 a 3—«Quo vadis?» por Henry Sienkiewicz.—N.º 4—«Vida e aventuras de Lazarillo de Tormes», por Diego Hurtado de Mendoza e H. de Luna.—N.º 5—«Eulalia Pontois», por F. Soulié.—N.º 6—«A amoreira fatal», por E. Berthet.—N.º 7—«O Senhor Eu», por Salvatore Farina.—N.º 7ª e 7b—«O fogo», por Gabriel d'Annunzio.—N.º 8—«Caricias d'uma noiva», Bjornstjerne de Bjornson.—N.º 9—«Palavra de soldado», por Jorge Elwall.—N.º 10—«A pelle do Leão», por C. de Bernard.—N.º 11 a 13—«A morte dos Deuses», por Dmitry de Merejkowsky.—N.º 14—«A corda do carrasco», por Petosi.—N.º 15—«Idyllas á beira d'agua» (2.ª edição), por Alberto Pimentel.—N.º 16—«Terras malditas», por V. B. Ibañez.

Remette-se qualquer d'estes volumes, FRANCO DE PORTE, a quem enviar a sua importancia á «A Editora» (antiga casa David Corazzi)—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

ANNUNCIOS

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, estume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da GARTILHA, preço 5\$000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 6\$000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos GADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 5 0 réis.

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

Campo de Flores, Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theoretico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indisciplinada que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
Extraher, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras
R. DIREITA, 58, 1.º AVEIRO

BAGAÇOS ALIMENTARES
VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos es melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

“PFAFF.”

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

- Ensino gratis. Garantia illimitada.
- A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
- Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
- Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
- Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente. Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SÁ

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E' sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha aproximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA

POR

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCÇÃO PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na CASA EDITORA

LIVRARIA AILLAUD
Rua do Ouro, —242-1.º LISBOA

A NOVA PHASE

DO

SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, lino, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Lonças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviamencommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.